



NARRAR O SAGRADO: O DESAFIO HAGIOGRÁFICO

RENATA CRISTINA DE SOUSA NASCIMENTO¹

Universidade Federal de Goiás

Universidade Estadual de Goiás

Pontifícia Universidade Católica (PUC-Go)

RESUMO

A espiritualidade cristã tardo- antiga e medieval ancorava-se nas narrativas hagiográficas, que tinham por função imediata oferecer modelos de condutas aos fiéis. Essas podem ser vistas como biografias excepcionais de homens e mulheres, revestidas de um caráter sagrado, sobrenatural. Aos santos era atribuída enorme capacidade taumatúrgica e intercessora. Solidificando e despertando devoções as hagiografias são aqui entendidas como memória biográfica- comunicativa, pois esses textos foram escritos para serem lidos em voz alta, transmitidos também de forma oral. Possuindo uma dupla dimensão histórica e literária, os textos hagiográficos foram usados com diversos propósitos, se constituindo em elementos simbólicos, portadores de sentidos e significados próprios.

PALAVRAS- CHAVE: HAGIOGRAFIA- MEMÓRIA- NARRATIVA

ABSTRACT

Late-ancient and medieval Christian spirituality was anchored in hagiographic narratives, whose immediate function was to offer models of behavior to the faithful. These can be seen as exceptional biographies of men and women, clothed in a sacred, supernatural character. The saints were given enormous thaumaturgical and intercessory capacity. Solidifying and awakening devotions, hagiographies are understood here as biographical-communicative memory, as these texts were written to be read aloud, also transmitted orally. Possessing a double historical and literary dimension, the hagiographic texts were used for different purposes, constituting symbolic elements, bearers of their own senses and meanings.

KEYWORDS: HAGIOGRAPHY- MEMORY- NARRATIVE

¹ Doutora em História (UFPR- 2005). Docente na Universidade Federal de Goiás (Regional- Jataí), Universidade Estadual de Goiás e na Pontifícia Universidade Católica (PUC-Go). Participante/ pesquisadora do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED). Email renatacristinasc@gmail.com

Na cultura cristã a vida e a morte de um personagem santificado era lembrada através da narrativa hagiográfica, marcando sua entrada na memória gloriosa do cristianismo. A produção discursiva hagiográfica foi uma reconstrução eficaz, que tentava outorgar um marco de veracidade, garantindo a historicidade de uma recordação. Através de uma comunicação envolvente as hagiografias contribuíram para uma manipulação de recordações. Em relação à Idade Média é preciso ter em mente que memória neste período é conhecimento, era preciso sustentar este conhecimento através de uma narrativa emocionante, exemplar, sagrada. A memória tinha um papel considerável no mundo social, no mundo cultural e no mundo escolástico e, bem entendido, nas formas elementares da historiografia.² Muito se tem escrito sobre a importância da literatura hagiográfica como fonte histórica, ou como fonte de estudos para a história. O grande desafio para o estudioso é devolver aos textos santorais os usos de seu tempo. É consenso que a hagiografia tenha tido suas origens nos elogios fúnebres, e por conseguinte tenha, enquanto gênero literário, se ancorado nos modelos clássicos da biografia tardo-antiga, do panegírico, e do discurso apologético. Mas o relato hagiográfico é mais que uma biografia, é diferente, pois propõe claramente um programa moralizante, em que o biografado também realiza milagres e participa do sagrado³.

Nem sempre é possível desvendar quem são os autores das narrativas hagiográficas. Sabe-se, porém, que a vontade deles visava responder a demandas concretas. Entre os tipos mais comuns e recorrentes desse tipo de literatura estão: os *Livros de Milagres*, os *Martirólogos*, *Passionários*, *Itinerários* de peregrinos/ peregrinações, e também aqueles que envolviam *traslados de relíquias*. Entre os vários modelos existe a intenção clara de instruir espiritualmente seus receptores. Eram também necessárias aos ofícios litúrgicos, aos atos celebrativos. Nos Livros de Milagres os devotos narravam aos clérigos de um determinado santuário (centros de peregrinação), as bênçãos recebidas por intermédio do santo. Os hagiógrafos garantiam através de sua escrita a dimensão transcendente, milagrosa de seu biografado. São obras de conteúdo catequético e político-religioso. Uma escrita moralizante, edificante e emotiva. O santo corresponde também a um tipo de necessidade concreta: Qual o tipo de santidade necessária naquele momento? Qual modelo de vida deveria ser perpetuado? Em que sentido a santidade pode servir a interesses políticos/ cívicos singulares? Estamos culturalmente obrigados a recordar determinadas circunstâncias e/ ou acontecimentos quando esses se integram na memória coletiva. Entendo aqui as hagiografias também como memória biográfica-comunicativa, pois os textos foram escritos para serem lidos em voz alta. Apelo neste sentido para

² LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1996. p. 449.

³ Ver: REBELO, António Manuel R. A estratégia política através da hagiografia. In: JIMÉNEZ, Aurélio P; FERREIRA, José R; FIALHO, Maria do Céu. *O Retrato e a Biografia como estratégia de teorização política*. Málaga: Imprensa da Universidade de Coimbra/ Universidad de Málaga, 2004.

diversos níveis de formulação e institucionalização do que deve ser lembrado, ou não. Do que é testemunho de uma tradição, que teria uma repercussão de largo alcance.

Embora grande parte dessas *vitae* tenham uma *topoi* (no sentido mesmo de fórmula literária) quase padrão, estas também possuíam singularidades, estando sujeitas ao momento em que foram compostas, e aos interesses que deveriam corresponder. Como exemplo podemos citar a hagiografia medieval conimbricense, especialmente os textos ligados ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Para Aires A. Nascimento⁴ a proximidade do narrado com o acontecido não gerava a heroicização necessária. Os acontecimentos que ocuparam a atenção do hagiógrafo estariam demasiados próximos, e as intenções não se dirigiam à celebração pública, já que não havia nem mesmo um culto público estabelecido para aquele personagem, considerado santo. A composição seria realizada por pessoas participantes dos fatos descritos, apresentando inclusive reações imediatas ao que estava sendo narrado, inserindo no texto sua emoção pessoal no “calor da hora”. De quem não é apenas testemunha, possuindo memória viva do acontecido.⁵ Para os autores da *Vida de D. Telo*, *Vida de D. Teotónio* e *Vida de Martinho de Soure* as grandes manifestações de Deus na terra não terminariam em Jesus Cristo, mas se prolongariam nos santos que se sucedem numa linha de continuidade, até seus dias.⁶

Em relação aos estudos empreendidos pelas ciências humanas, sobre o gênero hagiográfico, é preciso citar a influência marcante dos bollandistas⁷. Estes tiveram por objetivo exaltar, nesse tipo de fonte, sua cientificidade. Buscando desta forma a historicidade dos personagens hagiografados, solidificando sua existência real, não esquecendo também seus usos imediatos: “La acumulación de textos y de prendas físicas de los santos respondía a la necesidad de unos intercesores o patronos celestiales para hacer frente a las estrecheces materiales y de salud, o bien como recurso para ser utilizado en determinados contenciosos políticos.”⁸ Promovendo um tratamento crítico das fontes, bem característico do positivismo e cientificismo, os bollandistas também publicaram importantes compilações hagiográficas.

Nas Sagradas Escrituras a essência da santidade caracteriza-se ao que está bem próximo a Deus, ou ao que lhe é consagrado; tanto homens, como objetos e lugares. A santidade é premissa para a vida eterna, junto a Deus, conforme a Epístola aos Hebreus (Capítulo 12: 14): “Procurai a paz com

⁴ *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra. Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de Martinho de Soure*. Edição crítica de Aires A. Nascimento. (Obras clássicas da Literatura Portuguesa). Porto: Edições Colibri, 1998.

⁵ *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra. Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de Martinho de Soure*. Edição crítica de Aires A. Nascimento. (Obras clássicas da Literatura Portuguesa). Porto: Edições Colibri, 1998. pp. 9- 17.

⁶ Idem, p. 10.

⁷ Inspirado nos jesuítas Heribert Rosweyde e Jean Bolland. Em 1643 ocorreu a publicação do primeiro volume dos *Acta sanctorum*, projeto levado a cabo por este grupo.

⁸ PÉREZ-EMBID WAMBA, Javier. *Santos y Milagros. La Hagiografía Medieval*. Madrid: Síntesis, 2017. p. 52.

todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor.”⁹ Fenômeno de massas, a busca de exemplos de santidade reflete um imaginário perpetrado pela existência do mal, das provações, e do pecado. Após estas considerações iniciais, dividimos o texto em três partes/ momentos; 1º- Memória, Hagiografia e Narrativa (s); 2º- Hagiografia dos Santos Pregadores; 3º- Relíquias Cristãs e Textos Hagiográficos. Conforme Certeau, a hagiografia é um gênero literário, sendo necessário reservar este nome a todo monumento escrito inspirado pelo culto dos santos, e destinado a promovê-lo. A retórica desses textos está saturada de sentidos, mas do mesmo sentido. É um túmulo tautológico.¹⁰ A lógica temporal e espacial da hagiografia tem seu ritmo próprio. Quem se detém na análise e estudo deste tipo de fonte precisa ter em mente que nem tempo, nem espaço tem uma precisão absoluta, estando sujeito a uma lógica discursiva própria.

1º- MEMÓRIA, HAGIOGRAFIA E NARRATIVA(S)

Para Santo Agostinho (354- 430), o povo cristão celebra a memória de seus mártires com religiosa solenidade, para se animar a imitá-los, para participar dos seus méritos e para ser ajudado com a sua intercessão; não erguemos altares a nenhum mártir, mas só ao próprio Deus dos mártires, ainda que em memória dos mártires.¹¹ Do pequeno trecho do Livro XX da obra *Contra Fausto, o Maniqueu*¹² podemos distinguir três aspectos que se aplicam a utilização da memória dos santos: exemplaridade (para se animar a imitá-los); comunhão (para participar de seus méritos); e mediação (para ser ajudado com sua intercessão). A primeira memória a ser resgatada é a dos santos mártires, de seu sofrimento em nome de Cristo. O cristianismo é uma religião que se fortalece nas lembranças, uma construção identitária de eterno retorno ao passado. Um passado sempre presente, vivo, vibrante, que molda essa singularidade.

Os locais sagrados são pontos importantes na solidificação da memória cristã, são o palco da ação divina na terra. Os lugares santos da Palestina trazidos pelas narrativas bíblicas sustentam uma constante rememoração. Nesses espaços é possível reviver fisicamente a experiência dos profetas do passado, dos apóstolos e do próprio Cristo. Por sua importância simbólica, a partir de 1343 a Ordem Franciscana se tornou a guardiã de muitos lugares na Terra Santa. Construindo igrejas e ritualizando os locais em que Cristo esteve, os mendicantes organizaram os cenários da fé. Um dos mais

⁹ *Bíblia de Jerusalém*. Sp: Editora Paulus, 2013 (9ª impressão).

¹⁰ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 241.

¹¹ Documento citado em CORDEIRO. José de Leão (Org). *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do Primeiro Milênio*. Fátima (PT), Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 822.

¹² Fausto de Milevo foi um bispo maniqueísta, natural da Numídia. Seu encontro com Santo Agostinho provavelmente tenha ocorrido em 383, na cidade de Cartago.

significativos foi a Via Dolorosa, em Jerusalém. Até o final do século XV o caminho até o Calvário foi se convertendo em uma peregrinação ritualizada, em uma forma de penitência, para que o cristão pudesse presenciar, participar, sentir a mesma dor de Jesus Cristo. “No início eram apenas sete estações, sendo no fim da era moderna (século XVII) ampliada para 14 estações.”¹³ A memória da crucificação foi transposta/transportada para outras regiões, sendo revivida teatralmente, e de forma constante. A memória da morte, é uma lembrança viva e eficaz. O próprio nascimento de um santo se dá no momento de sua morte, para tanto celebra-se esta data, que o faz aproximar-se da dor do Calvário. Essa memória é sempre atual, elo com o presente. Outra consideração se refere aos lugares de culto que se misturam com espaços funerários. É nas igrejas que membros da realeza e da nobreza queriam ser enterrados. Igrejas/necrópoles foram transformadas também em panteões dinásticos. As famílias nobres da Idade Média requeriam túmulos (às vezes magistras), nas casas religiosas. As relíquias inundavam os altares. Corpos santos que traziam dignidade e valor ao ambiente sagrado. Catalizadores de doações, prestígio e peregrinos; onde repousavam os vestígios sagrados, enraizava-se a fé. As práticas de comemorações dos mortos eram comuns, compostas por listas de nomes de benfeitores, especialmente das casas monásticas. Os monges evocavam, através da leitura, a existência dos benfeitores e patronos, sempre na data celebrativa de seu falecimento.

A experiência sensorial torna-se transcendente nos locais em que o espiritual e o material se complementam, em que são conjuntamente experimentados. Portanto cidades simbólicas são chamadas de memoráveis, ou seja, dignas de memória, de serem lembradas. Roma é sem dúvida um dos locais de excelência. Em *Roma Hagiográfica*¹⁴, Ariel Guance nos oferece um panorama das diversas alusões ao mundo romano e à Cidade Eterna, presentes nos relatos hagiográficos elaborados na *Hispania*, entre os séculos IV e X; “desde el nacimiento de la primeras manifestaciones locales sobre la vida de los santos y mártires hasta los siglos centrales de la ocupación muçulmana de la Península ibérica.”¹⁵ Roma serviu como parâmetro de referência para diversas narrativas, como recurso discursivo constante. De fato, nem sempre esta referência foi totalmente positiva, sendo a urbe representada às vezes como origem de diversos males, vícios e costumes nefastos. De modo geral, como berço do cristianismo ocidental, tumba de santos veneráveis e morada de papas Roma é descrita como um espaço importante, glorioso para os cristãos.

¹³ NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. A Via Sacra: Historicidade e Demarcações de uma Narrativa Épica. *Revista Nós- Cultura, Estética e Linguagens*. Volume 5/ Número 1. UEG, 2020. p 181.

¹⁴ GUIANCE, Ariel. Roma Hagiográfica: La Imagen De La Ciudad y La Cultura Clásica En La Hagiografía Hispana De La Temprana Edad Media. In GUIANCE, A. (Editor). *Cultura Letrada e Identidades Sociales En El Mundo Medieval, Siglos IV- XV*. Buenos Aires: CONICET, 2019. pp. 149- 177.

¹⁵ GUIANCE, Ariel. Roma Hagiográfica: La Imagen De La Ciudad y La Cultura Clásica En La Hagiografía Hispana De La Temprana Edad Media. In GUIANCE, A. (Editor). *Cultura Letrada e Identidades Sociales En El Mundo Medieval, Siglos IV- XV*. Buenos Aires: CONICET, 2019. p. 149.

Na literatura hagiográfica os locais de morte (mais importante, pois marca o nascimento para o céu), e vida dos santos também são elementos dos relatos. Um livro litúrgico de renome, que teve por objetivo conservar e honrar a memória dos santos, foi (e é ainda atualmente) o *Martirologio Romano*, cuja primeira edição foi publicada no ano de 1584, derivado do antiquíssimo *Martirologio Latino*, denominado *Jeronimiano*, redigido a partir de vários calendários confluentes - o Romano, o Africano e o Siríaco. Nessa compilação estão presentes narrativas que contêm todo o santoral; Santos e Beatos, que gozam de veneração pública aprovada pela Igreja. “Para cada nome há o chamado elogio, que consta de uma breve nota sobre a data e o lugar da morte, o título canônico, a atividade que desenvolveu, e algumas notas sobre sua espiritualidade.”¹⁶ O livro está ordenado segundo os dias do calendário, o rito para a leitura do *Martirologio Romano* também deve ser observado, sendo mais comum sua leitura no coro ou no presbitério. Citemos como exemplo o dia 5 de junho, em que é rememorado e comemorado, o martírio/ morte de Sancho de Córdoba, ocorrido em 851: “Em Córdoba, na Andaluzia, o Beato Sancho, mártir, que, ainda adolescente, foi levado prisioneiro da cidade de Albi e instruído em Córdoba na corte do rei, durante a perseguição dos Mouros não hesitou em sofrer o martírio pela fé em Cristo.”¹⁷ Debutante na carreira militar Sancho de Córdoba vivia na corte do emir Abderramán II. Em *Memorial de los santos*, composto entre 851-856, São Eulógio, no Livro II (capítulo III), narrou com destaque o martírio sofrido por Sancho, em Córdoba. A memória dos supostos mártires seria construída através de suas relíquias e dos escritos de Eulógio¹⁸.

En cuanto a nuestro discípulo el santo Sancho, un joven seglar traído tiempo atrás como cuatiro desde la ciudad de Aps en la Galia Comata, mas a la sazón reclutado una vez libre en la guardiã del rey y mantenido por cuenta del mismo, fue muerto y clavado <en um patíbulo> en la misma ciudad real y bajo la misma profesión de fe el viernes 5 de junio del antedicho año.¹⁹

O impacto posterior das “mortes martiriais” tardias foi significativo, tanto em Córdoba quanto em toda Península. Ao se rebelarem contra as mudanças impostas no emirado, homens e mulheres de origem cristã foram presos, sendo muitos sentenciados a morte. Eulógio buscou caracterizar esse momento de perseguição política comparando-o às perseguições empreendidas contra os primeiros

¹⁶ *MARTIROLÓGIO ROMANO*. Coimbra/ Viana do Castelo: Gráfica de Coimbra, 2013. p 1.

¹⁷ *MARTIROLÓGIO ROMANO*. Coimbra/ Viana do Castelo: Gráfica de Coimbra, 2013. p 301.

¹⁸ Eulogio fue educado bajo la tutela de otro representante de la vida intelectual de Al-Ándalus en dicho siglo, el abad Esperaindeo. Junto a este último, también se formó un tercer gran nombre de la literatura de la época, Paulo Álvaro (que se vinculó a Eulogio probablemente desde su juventud, quizás en la misma etapa formativa de ambos). Escritor apasionado, viajero incansable, defensor de la cultura latina y hagiógrafo consumado, el mismo Eulogio alcanzó gran renombre por su defensa del célebre movimiento martirial iniciado hacia mediados de ese siglo IX en la Hispania del sur y que dio lugar a un voluminoso corpus de obras propias. GUIANCE, Ariel. *Eulogio de Córdoba y las reliquias de los mártires*. In *Revista Historia Autónoma*, 11 (2017), pp. 279- 297.

¹⁹ In *SAN EULÓGIO. Obras*. Edición de Pedro Herrera Roldán. Madrid: Ediciones AKal, 2005. p 107

adeptos da religião, nos séculos anteriores.²⁰ Outro escrito (muito estudado), que marcou a hagiografia medieval ocidental, e que também se refere (e se legitima) ao modelo da paixão dos primeiros mártires, foi a *Legenda aurea*²¹, composta pelo dominicano Jacopo de Varazze por volta de 1260. Diversas narrativas hagiográficas aí presentes remontam a quase um milênio antes, revivendo os martírios do início do cristianismo.

Nesta compilação também foram inseridas vidas de santos contemporâneos ao autor, exceção feita a Santo Antônio de Lisboa/ Pádua e Santa Clara de Assis, que não aparecem na obra. Sua intenção mais direta teria sido oferecer um material edificante aos pregadores, na elaboração de seus sermões. “Neste aspecto, a *Legenda aurea*, além de rica na diversidade de casos e situações que apresenta, é também singular diante da atestada difusão que obteve quase que imediatamente às suas primeiras versões”²² O retorno à memória dos primeiros mártires fundamenta esta épica coletânea. Naquele momento da composição hagiográfica, o contexto de instabilidade, disputas e crise (s) necessitava desta memória, portanto ela deveria ser reeditada, divulgada. O tipo de santidade privilegiada foi então a martirológica. A força emocional das legendas, conforme Carolina Fortes²³ também representa um veículo de propaganda política, assim como a tentativa de reafirmar a superioridade do poder sagrado, sobre o secular. O compêndio espiritual, é material fundamental no conhecimento dos sentidos do sagrado, que moldaram a devoção europeia no contexto medieval e moderno.

2º- HAGIOGRAFIA DOS SANTOS PREGADORES

“A extraordinária mulher, Clara de nome e de virtude, era natural de Assis e descendente duma família ilustre. Concidadã do bem-aventurado Francisco na terra, reina agora também com ele na glória.”²⁴ Com essas palavras Tomás de Celano inicia a I parte da *Legenda Sanctae Clarae Virginis/ Legenda da Virgem Santa Clara*, canonizada em 23 de agosto de 1255. Hagiógrafo por excelência da Ordem Franciscana, Tomás de Celano teve como fontes o processo (atas) de canonização da santa, a Bula desta canonização, os testemunhos oferecidos pelas irmãs de São

²⁰ ÁLVAREZ, Maria Raquel A. & NASCIMENTO, Renata Cristina de S. *A Sacralização do Espaço Ibérico: Vivências Religiosas na Idade Média*. Curitiba: CRV, 2020.

²¹ VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Aurea. Vidas de Santos*. (Tradução do latim. Hilário Franco Júnior). SP: Companhia das Letras, 2003.

²² TEIXEIRA, Igor Salomão. *A Legenda Aurea de Jacopo de Varazze. Temas, problemas, perspectivas*. São Leopoldo: Oikos, 2015.p 19.

²³ FORTES, Carolina Coelho. *A Legenda Aurea: datação, edições, destinatários e modelo de santidade*. In TEIXEIRA, Igor S. *História e Historiografia sobre a Hagiografia Medieval*. São Leopoldo: Oikos, 2014. pp. 30- 46.

²⁴ CELANO, Tomás de. *Legenda da Virgem Santa Clara*. In Fontes Franciscanas II. Santa Clara de Assis. Escritos, Biografias e Documentos. Braga: Editorial Franciscana, 1996. p 240.

Damião, e pelos companheiros de São Francisco de Assis. Na carta introdutória sobre a *Legenda da Virgem Santa Clara*, destinada ao papa Alexandre IV (protetor dos frades menores desde 1227), Celano assinala seus objetivos:

E assim, aproveitando alguns dados e renunciando a muitos outros, de tudo fiz registro num estilo simples, de tal maneira que todas as irmãs, mesmo as mais incultas, se deleitassem com as maravilhas da virgem Clara e nenhuma se sentisse enfadada por um estilo demasiado rebuscado, Que os homens, pois, sigam estes novos varões que se tornaram novos discípulos do Verbo Encarnado e as mulheres imitem Clara que se tornou imagem da Mãe de Deus, e novo modelo para todas as mulheres.²⁵

Este processo de construção narrativa nos apresenta algumas questões importantes: Existem aspectos singulares na hagiografia mendicante? Como estes textos se adequam aos objetivos dos *minoritas*? Os pressupostos do discurso hagiográfico (produzido pelos mendicantes), é de cunho religioso/ moral e (ou) político/ cívico? Um aspecto nos chama a atenção na carta enviada ao papa Alexandre IV: O esforço em forjar a ideia do novo: Que os homens, pois, sigam estes **novos** varões; que se tornaram **novos** discípulos do Verbo Encarnado; e as mulheres imitem Clara ... **novo** modelo para todas as mulheres. A tradição apresentada nas diversas biografias sobre São Francisco trouxe em geral este elemento de novidade, embora nem sempre isto seja algo totalmente real. A espiritualidade penitencial era já bastante praticada nas comunas italianas, ao tempo de São Francisco. Conforme Miatello²⁶ a fundação de uma fraternidade de penitentes com renúncia de bens, também não era algo novo. Então qual elemento de mudança, que individualiza de alguma forma os mendicantes? Como estes elementos ajudaram a forjar a ideia de uma nova Ordem? O autor nos apresenta algumas possibilidades:

- A diferença entre o grupo de Francisco e os demais movimentos é que os penitentes de Assis, como foram originalmente chamados, não quiseram ficar circunscritos à sua diocese, seja no que tange à moradia ou ao trabalho.

- "... ao lado do eremitismo urbano dos primórdios, os Frades Menores adicionaram o trabalho da pregação itinerante, cuja natureza, já se vê, entrava no âmbito da jurisdição dos clérigos e teólogos, o que trouxe sérios desafios para os discípulos de Francisco e para ele próprio".²⁷

²⁵ CELANO, Tomás de. *Legenda da Virgem Santa Clara*. In Fontes Franciscanas II. Santa Clara de Assis. Escritos, Biografias e Documentos. Braga: Editorial Franciscana, 1996. p 241.

²⁶ MIATELLO, André Luís Pereira. Francisco de Assis. In NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa & SOUZA, Guilherme Queiroz de (Org). *Dicionário: Cem Fragmentos Biográficos: A Idade Média em Trajetórias*. Goiânia: Editora Tempestiva, 2020. Pp. 361-366.

²⁷ MIATELLO, André Luís Pereira. Francisco de Assis. In NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa & SOUZA, Guilherme Queiroz de (Org). *Dicionário: Cem Fragmentos Biográficos: A Idade Média em Trajetórias*. Goiânia: Editora Tempestiva, 2020. p 363.

Outro elemento relevante nas hagiografias de Francisco foi o fato de ter sido o primeiro santo estigmatizado, do qual se tem relato. O milagre supostamente ocorreu no Monte Alverne, em 1224. ‘Entre os novos traços da santidade de Francisco que prenderam a atenção dos hagiógrafos e dos artistas, figuram, evidentemente, os estigmas que, na iconografia ocidental se tornaram, após a sua morte, os seus atributos específicos’²⁸ Francisco é a celebração da imitação de Cristo, inclusive em sua essência física.

A literatura hagiográfica mendicante é herdeira da tradição religiosa ocidental, advinda de modelos de ordens monásticas ancestrais. Por este motivo era preciso demarcar território, delimitar sua forma discursiva, seus pressupostos singulares, importância, concorrendo com as demais, na busca por hegemonia. São Francisco, como pai fundador, foi elemento central na busca por legitimidade, espaço e excepcionalidade. Por surgirem a atuarem a partir do século XIII, concorriam com formas de vida há tempos estabelecidas e aceitas no seio da cristandade.

A falta de respaldo ideológico e a recente fundação fizeram com que os frades empregassem todas as ferramentas disponíveis em seu arsenal discursivo para legitimarem sua forma *vitae* para se defenderem dos ataques do clero secular e monástico, que por todos os meios pretendiam desmoralizar, senão invalidar a existência dessas novas Ordens... a extrema aceitação e mobilidade dessas narrativas sagradas entre as mais variadas camadas sociais e a grande popularidade dos santos mendicantes, como Francisco de Assis e Antônio de Pádua, tornaram a hagiografia uma espécie de palco para a difusão e concatenação dos valores e do ideário mendicantes.²⁹

O contexto de nascimento das Ordens Mendicantes, especialmente dos franciscanos, também tem sido bastante discutido, especialmente sua ligação às especificidades das comunas italianas. No século XII, teoricamente, a cidade de Assis gravitava ao redor do Império Germânico. Após crises sucessórias ocorridas dentro do Império, o povo de Assis se rebelou, nascendo assim em 1198 a comuna de Assis. Como reação ao nascimento da comuna, as grandes famílias deixaram a cidade e encontraram refúgio em Perúsia, razão do conflito entre estas cidades.³⁰ Francisco, como se sabe, participou da guerra como cavaleiro. Vencedores, os nobres voltaram para Assis. “Em 1210, um pacto selou mais solidamente a coexistência entre nobres e populares, bem como sua gestão conjunta da comuna.”³¹ Portanto esse contexto citadino e cívico também está intrínseco na produção hagiográfica medieval, voltada aos franciscanos e dominicanos.

²⁸ VAUCHEZ, André. *Francisco de Assis. Entre História e Memória*. Lisboa: Instituto Piaget: 2013. p. 274.

²⁹ MIATELLO, André Luis Pereira. *Santos e Pregadores nas Cidades Medievais Italianas. Retórica cívica e hagiografia*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

³⁰ DALARUN, Jacques. *Governar é Servir. Ensaio sobre democracia medieval*. CAMPINAS: Editora da Unicamp, 2021.

³¹ DALARUN, Jacques. *Governar é Servir. Ensaio sobre democracia medieval*. CAMPINAS: Editora da Unicamp, 2021. p 41.

A narrativa hagiográfica, mesmo ancorada em um contexto, não tem um compromisso irrestrito com a ciência histórica, pois é um texto produzido com finalidade religiosa. Portanto é importante levar em consideração seus métodos de escrita e seus modos de transmissão. Só recentemente estes textos foram inseridos como objeto de interesse literário. Conforme Goulet “Non que les textes hagiographiques soient vides a priori de tout substrat historique: certains d'entre eux sont même des sources riches et fiables.”³² Apesar deste fato o gênero hagiográfico não obriga seu autor a privilegiar a verdade histórica, portanto é preciso considerá-la como discurso seletivo, voltado a um objetivo concreto. De modo geral a hagiografia começa sempre com uma história, apelando ao contexto da época como fator plausível de veracidade. Também na hagiografia mendicante, em seus primórdios, é possível verificar estratégias comuns, porém bem-sucedidas, de legitimar seu discurso através de recordações, outorgando um marco de verdade, estabelecendo uma maneira segura de forjar o passado, buscando uma identidade discursiva singular.

3º- RELÍQUIAS CRISTÃS E TEXTOS HAGIOGRÁFICOS

A experiência do sagrado é permeada por uma série de rituais e signos que fortaleceram sua existência no tempo. A sociedade medieval atribuía extraordinário valor real e simbólico a corpos e objetos considerados especiais, reconhecidos como divinos. As relíquias cristãs representavam a onipresença de Deus, construindo um laço visível e concreto com os fiéis. Eram elos palpáveis entre o divino e o humano. A descoberta ou *inventio* dos corpos dos santos seguida da sua transladação foi um fenômeno comum na Idade Média. A necessidade de relíquias fomentou a partilha dos despojos dos santos, tendo-se por certo que a fragmentação infinita dos mesmos em nada retirava sua *virtus*.³³ As relíquias eram vistas como um sagrado acessível e benéfico, representando a essência tátil da santidade. Qual o impacto das relíquias na construção de uma narrativa histórica da santidade? Como elas aparecem nos textos santorais?

Através de relatos de recuperação de relíquias os hagiógrafos elaboraram, de forma consciente, tradições que tinham por objetivo comprovar a historicidade de uma recordação. Na busca por reconhecimento e legitimidade, narrativas de traslado de despojos sagrados serviram como justificativa para roubos e saques. Nestes aparecem diversos prodígios que requerem a própria aparição, e efetiva participação do santo. Propagando o caráter maravilhoso e benéfico de restos

³² GOULLET, Monique. *Écriture et réécriture hagiographiques Essai sur les réécritures de Vies de saints dans l'Occident latin médiéval (VIII- XIII S)*. Turnhout: BREPOLIS, 2005. p. 9.

³³ BEIRANTE, Maria Ângela. *Territórios do Sagrado. Crenças e Comportamentos na Idade Média em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri, 2011.

sublimes, a literatura hagiográfica colaborou para suprir o desejo (muitas vezes descontrolado), de objetos sagrados, alimentando a religiosidade popular. A figura do santo seria uma espécie de espelho da fé, justificando o culto prestado a seus restos mortais. A necessidade da presença de relíquias nos altares intensificou sua proliferação e comércio. Em 1099 foi criado o Reino Latino de Jerusalém, após cerco bem-sucedido à cidade, então possessão muçulmana. Com a vitória, os artefatos sagrados, trazidos teoricamente da Terra Santa, inundaram igrejas e monastérios cristãos.

Comércio sacro e falsificações foram sinais de uma verdadeira obsessão por esses objetos. A posse de fragmentos da Vera Cruz, considerada a mais sagrada das relíquias, fomentou as narrativas que indicavam a figura de Santa Helena, mãe do imperador Constantino como protagonista da descoberta da Santa Cruz, em sua viagem/ peregrinação realizada no século IV.

Após a delimitação dos locais prováveis da via sacra e a destruição do templo de Afrodite, as escavações começaram. Inicialmente foram achadas três cruzes. De acordo com a *Legenda Áurea*, ninguém seria capaz de distinguir a cruz de Cristo da dos ladrões. Deste modo, a confirmação da verdadeira cruz se deu por meio de prodígios. Uma das narrativas, afirma que, ao entrar em contato com um defunto a verdadeira cruz o teria ressuscitado. “Ambrósio, por sua vez, diz que Macário distinguiu a cruz do Senhor pela placa que Pilatos ali mandara pregar, e cuja inscrição ainda era legível”³⁴

Textos santorais que envolviam a descoberta de túmulos dos apóstolos, mártires e de objetos relacionados à vida de Cristo povoaram a produção hagiográfica tardo-antiga e medieval. Tomemos como exemplo (novamente) relatos presentes na *Legenda aurea*, como a *Descoberta do Corpo de Santo Estêvão, Mártir*; “A descoberta do corpo do protomártir Estevão ocorreu no ano do Senhor de 417, sétimo do reinado de Honório. Contemos separadamente a descoberta, a trasladação e a reunião”.³⁵ Acompanhando a narrativa vamos destacar estes três momentos:

1. Descoberta - através de um sonho o rabino Gamalieu apareceu durante a noite a um presbítero da Igreja de Jerusalém, chamado Luciano. No sonho o sábio teria dito: “Junto comigo está enterrado Santo Estevão, que foi lapidado pelos judeus fora da cidade para que o seu corpo fosse devorado pelas feras e aves.”³⁶
2. Trasladação - o bispo de Jerusalém chamado João foi com outros bispos até o lugar indicado no sonho de Luciano; “e logo que começou a cavar a terra tremeu e sentiram um suavíssimo

³⁴ FRANÇA, Susani S. L; NASCIMENTO, Renata Cristina de S; LIMA, Marcelo Pereira. *Peregrinos e Peregrinação na Idade Média*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017. pp. 76-77.

³⁵ VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea. Vidas de Santos*. (Tradução do latim. Hilário Franco Júnior). SP: Companhia das Letras, 2003. P. 609.

³⁶ Idem. p. 609.

odor. Odor admirável que pelos méritos do santo curou setenta enfermos.”³⁷ Após este fato os despojos foram transportados primeiramente para a Igreja de Sião em Jerusalém. Uma segunda transladação ocorreu posteriormente; Alexandre, senador de Constantinopla teria solicitado que seus restos mortais ficassem próximos ao do santo, em Jerusalém. Depois de sete anos sua esposa solicitou a urna, mas de forma equivocada apropriou-se do ataúde dos vestígios de São Estevão, retirando-os de Jerusalém; “Quando ela subiu no navio com o corpo, ouviram-se hinos angelicais e desprendeuse um agradável odor.”³⁸

3. Reunião - depois de uma tempestade, que segundo a narrativa teria sido cessada através da ação dos despojos santos, o navio chegou a Constantinopla, sendo colocado em uma igreja. Eudóxia, filha do imperador Teodósio, e grande colecionadora de relíquias, seguindo a própria vontade do santo, levou o ataúde a Roma, tendo a intenção de trocá-lo pelo corpo de São Lourenço. Chegando a Roma, quiseram transportar o corpo até a Igreja de São Pedro Acorrentado, mas o santo não permitiu. A narrativa diz que este queria ficar junto a seu irmão São Lourenço, que não aceitou sair de Roma; “Quando os gregos estenderam as mãos para pegá-lo, Lourenço derrubou-os por terra, sem vida. O papa e o clero, oraram por eles, que à tarde reviveram, mas ao fim de dez dias todos morreram.”³⁹ Por temor ao poder dos vestígios sagrados decidiram a permanência dos dois corpos santos juntos, a reunião ocorreu no dia 22 de abril de 425. Ainda, segundo o texto: “Ó feliz Roma, que os corpos de Lourenço da Espanha e de Estevão de Jerusalém encerra em um só mausoléu, glorioso presente!”⁴⁰

Podemos destacar vários elementos comuns em hagiografias que envolvem traslado de relíquias: descobertas através de sonhos; visões, terremotos, tempestades, odores de santidade; milagres; vontade do próprio santo em permanecer (ou não) em uma região. Conforme as narrativas, os restos mortais dos considerados eleitos de Deus manifestavam uma virtude especial, um aroma suave que provinha de seu sepulcro. A percepção olfativa de um perfume suave, oriundo dos restos mortais do santo, traduz uma dimensão sensorial da sacralidade. A associação entre santidade e odor aparece em várias passagens bíblicas, como na Segunda Epístola aos Coríntios, Capítulo 2: 15-16: Em verdade somos para Deus o bom odor de Cristo, entre aqueles que se salvam e aqueles que se perdem. Para uns, odor que da morte leva à morte; para outros, odor que da vida leva à vida. O simbolismo do perfume foi construído ligado a Cristo, exaltando a qualidade dos mortos especiais.⁴¹

³⁷ Idem. p. 610.

³⁸ Idem. p. 611.

³⁹ Idem. p. 612.

⁴⁰ Idem. p. 612.

⁴¹ ÁLVAREZ, Maria Raquel A. & NASCIMENTO, Renata Cristina de S. *A Sacralização do Espaço Ibérico: Vivências Religiosas na Idade Média*. Curitiba: CRV, 2020.

A leitura e audição dos prodígios realizados constituíam testemunho de edificação clerical, de propaganda e glorificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Narrar o passado é um processo complexo que inclui um texto articulado a fragmentos deixados (no) e pelo tempo. Estas pistas do passado podem estar presentes em relatos e imagens que nos revelam as experiências vividas e/ ou representadas. Entender como os seres humanos produzem e praticam sua religiosidade, é algo sempre desafiador. O maravilhoso permitia aos homens completarem o entendimento que tinham do mundo que os rodeava. As hagiografias são reflexo desta realidade passada, expressões de como as pessoas atribuíam sentido ao que consideravam sagrado.

A repercussão que teve esse tipo de escrita espiritual foi importante para o culto, liturgia, prática pastoral e discursiva da santidade. Os episódios de uma vida exemplar eram realçados pela literatura hagiográfica, construindo uma reputação de excepcionalidade, destinada a um determinado personagem. Intenções políticas e propagandísticas corroboraram na exaltação de pessoas e lugares, intrínsecos aos textos santorais. Para atrair a benevolência e intercessão dos santos junto a Deus, os crentes depositavam nos santuários oferendas e ex-votos. A amplitude e fragmentação de corpos sagrados trazia visibilidade ao que era escrito, sendo possível tocar na santidade; uma piedade baseada no concreto, que contribuía para a popularidade do culto. Preciosas parcelas de santidade, divididas entre igrejas, fatores de atração de esmolas e peregrinos.

A renovação no campo dos estudos hagiográficos tem ampliado, e muito, o vigor dessas fontes documentais, para além de sua dimensão teológica e religiosa. Conforme Frazão “a partir da hagiografia estão sendo desenvolvidos estudos sobre o gênero, os intercâmbios culturais, a leitura, a organização social, a morte, sexualidade, o corpo, rotas de peregrinação, e de comércio, as expressões artísticas, em especial no tocante à pintura, à arquitetura e à escultura, etc.”⁴² Na Baixa Idade Média, o caráter didático e propagandista da narrativa da vida de santos contribuiu também para os processos de canonização, e combate às heresias, fortalecendo a “centralização” da própria autoridade papal, no seio da cristandade. A pesquisa hagiográfica revitaliza o estudo das transformações nas concepções de santidade, objeto de interesse incessante para a ciência histórica. Os santos desempenham papel crucial, permanente, mecanismo simbólico, espiritualmente eficaz; protagonistas do desafio hagiográfico, em escrever uma biografia sagrada, sublime.

⁴² FRAZÃO, Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva (Org). *Hagiografia e História. Reflexões sobre a Igreja e o fenômeno da santidade na Idade média Central*. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2008. p. 7.